

O Pomerano em Santa Maria de Jetibá e em Vila Pavão: a cooficialização como estratégia de empoderamento de uma identidade

Marcos Teixeira de Souza¹

RESUMO: Santa Maria de Jetibá e Vila Pavão são cidades marcadas pela cultura e língua pomerana. Relações de poder atuam em uma sociedade e evidenciam como a língua é um elemento estratégico. Santa Maria de Jetibá e Vila Pavão ilustram esta característica.

PALAVRAS-CHAVE: Pomerano. Santa Maria de Jetibá. Vila Pavão. Linguagem.

ABSTRACT: Santa Maria de Jetibá and Vila Pavão are cities influenced by culture and language Pomeranian. Power relations operate in a society and show how language is a strategic element. Santa Maria de Jetibá and Vila Pavão illustrate this point.

KEYWORDS: Pomerian. Santa Maria de Jetibá. Vila Pavão. Language.

1 Introdução

Considerada *a mais pomerana do Brasil* dentre as demais onde há descendentes pomeranos, como Domingos Martins, Vila Pavão, Laranja da Terra, Pomerode, São Lourenço do Sul, Arroio do Padre, entre outras, a cidade de Santa Maria de Jetibá (ES) protagoniza suas ações na esfera política em prol da preservação do Pomerano, somando esforços junto aos ativistas da cultura pomerana. O lançamento do Dicionário Pomerano - Português, em 2006, primeira obra do gênero, que engendra e normatiza a modalidade escrita para o Pomerano, e o circunscreve, para alguns, como uma data de passagem do dialeto para o reconhecimento como língua; a idealização (ou materialização) do Programa Escolar de Educação Pomerana (PROEPO), em 2005, e a cooficialização do Pomerano, em 2009, em Santa Maria de Jetibá, apontam para a construção de um espaço identitário de referência. Incipientes em outras cidades, projetos e políticas linguísticas contracenam com Santa Maria de Jetibá. Neste aspecto,

¹ Doutorando em Sociologia (IUPERJ/UCAM); Mestre em Letras e Ciências Humanas (Unigranrio); Especialista em Gestão Estratégica de Recursos Humanos (UFRRJ); Especialista em Diversidade Cultural e Interculturalidade (UFF); Especialista em Libras - Centro Universitário Barão de Mauá; Graduado em Empreendedorismo e Inovação (UFF); Graduado e Licenciado em Letras Português - Francês (UFRJ).

relações de poder são desenhadas, a partir da busca de uma identidade, onde a naturalidade não é o lugar de nascimento, mas onde um sujeito cognoscente constrói sua identidade atrelada a contextos linguísticos e extralinguísticos. Ser pomerano passa a significar ligar-se a estes contextos.

Neste sentido, o presente artigo busca refletir sobre o processo de colocar o pomerano em pauta em Santa Maria de Jetibá (ES) e Vila Pavão (ES), tendo como pano de fundo o modo os atores sociais se posicionam em torno da língua, considerando Hall (2006) e Habermas (1999). Preliminarmente, é importante ressaltar que estas questões suscitam muitos outros questionamentos, os quais, cada um, separadamente, renderia discussões ainda em aberto.

Neste aspecto, deve-se problematizar o pomerano como intrínseco à luta dos descendentes pomeranos no Brasil, ao trazer para o cenário político e linguístico sua língua não como subordinada a uma cultura germânica, mas autônoma e própria, sendo a língua pomerana uma marca desta expressão cultural, e tendo como pano de fundo a atuação de Santa Maria de Jetibá como regente deste processo de inserção do pomerano entre os descendentes deste grupo, e Vila Pavão, dada sua “tríade étnica”, isto é, *pomeranos, italianos e africanos*, conforme consta de seu próprio hino municipal.

2 Os pomeranos (ou os descendentes de pomeranos), uma luta identitária

É um grupo imigrante oriundo da extinta Pomerânia, região situada junto ao mar Báltico, onde atualmente encontra-se norte da Polônia e norte da Alemanha, tendo pertencido a diversos domínios: o Sacro Império Romano-Germânico (1186-1806); o governo da Prússia como país independente (1807-1870); e o Império Alemão, a partir de 1871, sendo então a Prússia anexada a este império.

A chegada ao Brasil de levadas de imigrantes pomeranos, na década de quarenta ou cinquenta do século XIX, dá-se no contexto de o então Império brasileiro encontrar uma solução viável para as dificuldades financeiras vividas na Pomerânia. O Brasil, contemplado como uma espécie de Canã para os pomeranos, passa a ser destino

procurado por muitos deles. Aliás, não só para este grupo, mas para outros imigrantes europeus, como italianos, poloneses, etc.

No Brasil, a maioria dos imigrantes pomeranos se estabeleceu inicialmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, este último, segundo os estudos de Tressmann (1999) abrigando uma imensa comunidade linguística de pomeranos. Nos anos setenta do século XX, também houve uma migração para os estados de Minas Gerais e Rondônia. No Espírito Santo, os seguintes municípios apresentavam um significativo quantitativo de descendentes pomeranos: Santa Maria de Jetibá, Pancas, Laranja da Terra, Vila Pavão, Domingos Martins, Santa Leopoldina, Itarana, entre mais alguns outros com representatividade menor.

De acordo do autor Ivan Seibel (2010), no livro *Imigrante no século do isolamento: 1870 – 1970*, obra capital para compreender a cultura pomerana no estado do Espírito Santo, e também em outras regiões, o isolamento dos imigrantes pomeranos nas matas capixabas foi um ponto decisivo para a manutenção dos costumes, tradições e língua (ou dialeto, na concepção de muitos descendentes alemães que imigraram para o Brasil).

Sobre a cooficialização, diz Ismael Tressmann (1999):

Mediante a cooficialização, o Pomerano terá, ao lado do Português, o status de língua reconhecida oficialmente, com todos os direitos de uma língua oficial. Trata-se de um acontecimento muito importante para o Espírito Santo e o Brasil, particularmente num momento em que o mundo se volta para o problema da extinção de línguas minoritárias e da urgência de intervenções de políticas públicas para garantir sua sobrevivência e vitalidade. Cooficializar o Pomerano ao lado do Português em nível municipal possibilitará ao poder público e à sociedade civil o reconhecimento do bilinguismo constituinte do município e sua promoção sistemática através do sistema educacional e das políticas culturais. Desse modo, será dado espaço e voz à língua pomerana não apenas nas escolas, como também em todos os setores públicos e privados. O poder público incentivará e apoiará o aprendizado e o uso do Pomerano nas escolas e nos meios de comunicação, concedendo aos não falantes desta língua (aqueles que falam somente o Português) a oportunidade de se tornarem bilíngues. (TRESSMANN, 1999, p. 02)

Durante nossas pesquisas entre os descendentes de pomeranos no Sul do Brasil e no Espírito Santo, vi que uma das principais discussões estava se o pomerano seria uma língua ou dialeto, em torno da luta dos descendentes pomeranos por reconhecimento de

sua identidade, em contraponto ao Alemão. E deve-se lembrar que identidade é um ponto nodal nesta luta, porque se reconhecer como um descendente pomerano envolve também realocar sua língua (ou dialeto) dentro de uma hegemonia alemã. Segundo Stuart Hall (2006), o sujeito na pós-modernidade, vincula fortemente identidade a uma nação:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isto estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p. 47)

Neste aspecto, não é difícil imaginar que a cultura pomerana se viu refém de um ideário alemão, ainda que os pomeranos fossem vistos como alemães de menor importância, ou nas falas locais outrora comuns em algumas regiões do Rio Grande do Sul como “alemães batatas”. Além disso, a formação do Império Alemão, a partir de 1871, portanto, menos de vinte anos de imigração para o Brasil, tenha construído no imaginário pomerano uma pertença à cultura alemã, sobretudo em regiões do Brasil, onde sobressaíam colonos alemães.

Ter uma língua de prestígio dentro de um cenário seja este político, social, cultural, engendra uma perspectiva de construir uma identidade mais respeitada. Não à toa, no processo de construção de estados nacionais, na Europa, a identidade nacional fora moldada não só em torno de símbolos representativos, hinos, eventos históricos, mas também da língua.

Neste contexto, o dialeto ocupa uma posição inferior à língua, o que sublinha, de certa forma, um domínio de um grupo social sobre outro. A ideia de um fortalecimento de Estado-Nação presume o ofuscamento ou desaparecimento de dialetos, de minorias étnicas. Sobre este fenômeno social, descreve Hall (2006):

As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do Estado-Nação,

que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2006, p. 49)

Com o pomerano tal situação não ocorreu diferentemente. No processo de formação dos estados nacionais europeus, a Pomerânia, à época já pertencente ao Império alemão, viu-se à mercê do germanismo, em que a Língua Alemã serviu de padrão. Sendo a maioria formada por pequenos agricultores, a Pomerânia não tinha participação política, e tal caráter foi decisivo para criar uma atmosfera de passividade contra o avanço do processo de industrialização na Europa, que empurrava os pomeranos para fora do contexto de desenvolvimento e para a imigração para outras partes do mundo.

Por virem de uma região subordinada à Prússia, mas que, algumas décadas depois, fora incorporada ao Império Alemão, os pomeranos chegados ao Brasil foram vistos como alemães pelos brasileiros, os quais, não conhecendo bem as peculiaridades políticas e lingüísticas daquele império, viam todos os grupos oriundos do Império Alemão como uma só etnia.

Considerado uma variedade lingüística do baixo-alemão, o pomerano, também denominado de *pommerschplatt* ou *pommerisch*, falado desde a chegada dos primeiros imigrantes pomeranos em algumas regiões do Brasil, principalmente no estado do Espírito do Santo, fora objeto de preconceito por alemães por ser visto como um dialeto.

Tal pensamento se abriga em algumas circunstâncias, as quais, somadas, parecem justificar a superioridade do alemão em relação ao pomerano. A primeira delas é que a comunidade de falantes do alemão é superior ao pomerano, corroboradas pela força política que o Império Alemão exerceu na região de penetração germânica. Uma segunda circunstância crucial é que o alemão desenvolveu uma literatura consistente, tanto ficcional quanto não-ficcional, ao passo que entre os pomeranos, a escrita em pomerano praticamente inexistia. Uma terceira circunstância é formação e a dinâmica das colônias alemãs no Brasil, sobretudo, a de Blumenau, entre outras, que capitanearam a língua alemã como expressão cultural dos povos de origem germânica no Brasil. E como alude Hall (2006):

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. (HALL, 2006, p. 49)

Era comum entre os próprios descendentes alemães, o pensamento de que o alemão era representativo de uma cultura erudita e que as demais línguas faladas na região do Império Alemão apenas de dialetos. E no Brasil, entre os colonos pomeranos, o alemão era a língua para ser aprendida, e o pomerano para ser falado no ambiente familiar.

Discutindo sobre a língua no panorama das transformações ocorridas no cenário mundial, expressa a Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos (1996): *A tendência secular e unificadora da maioria dos Estados para reduzir a diversidade e favorecer atitudes contrárias à pluralidade cultural e ao pluralismo lingüístico*. Deste modo, entende, com facilidade, o pomerano incorporado ao alemão, sendo este o oficial, o representativo, ainda que historicamente o alemão também já estivera na condição de dialeto, haja vista, por exemplo, quando fora traduzido a bíblia por Martinho Lutero.

Os termos *língua* e *dialeto*, não raro, entrecrocavam-se quando são postos lado a lado. Embora haja um esforço teórico por parte dos estudiosos na área da Linguística na tentativa de definir as fronteiras semânticas entre os três termos, ainda há imprecisões e vertentes. Geralmente se acrescenta ao termo *língua* o predicativo oficial, para denotar ligação a um Estado-Nação. E é esta língua dita oficial que toma vulto como importante nas relações entre o Estado e a sociedade civil, sendo a que torna efetiva a introjeção do aparelho estatal na ordem social. Tem, em outras palavras, o *status* de prestígio e importância.

O termo *dialeto* carrega consigo um patamar de inferioridade em relação à *língua*. Sociologicamente falando, o dialeto pertence ao grupo social dos vencidos, daqueles cuja fala foi sonogada ou colocada à parte na constituição dos estados nacionais. Enxergar tal dinâmica social é fundamental para compreender o socioleto, que se define como determinada variação lingüística de/ em um lugar. Para Coseriu (1980), esta

variação linguística, chamada por ele de *diatópica*, evoca uma marca identitária local ou regional, distinguindo de outros lugares. Seria então na pluralidade de variações linguísticas de uma língua o epicentro da hierarquização, classificando o padrão do não-padrão.

Como comunidade linguística, a fala de um pomerano tende a ser mais legitimada se vier de um lugar onde o pomerano se assume como referência para as demais falas de outros pomeranos, que não se encontram, sociológica e linguisticamente falando, em um lugar de referência. Eis aí então um panorama que se delinea gradativamente: a do pomerano como língua, de uma Pomerânia repatriada nos municípios capixabas e de outras regiões com expressiva representatividade de pomeranos.

3 Santa Maria de Jetibá e Vila Pavão em meio ao Pomerano

Com cerca de nove mil habitantes, a cidade de Vila Pavão, situada no noroeste espírito-santense, singulariza-se, além de uma expressiva presença pomerana no município, entre as demais, pelo fato de, em 1989, um grupo de professores de uma escola agrícola engendrar e organizar uma dita festa de cunho interétnico e intercultural denominada *Pomitafro* à feitura uma identidade e cultura mais locais, em contraponto à festa junina, que segundo estes organizadores, não tinha correlação com o cotidiano da cidade.

Realizada geralmente no mês de agosto de cada ano, perdurando em torno de três até seis dias, esta festividade, segundo dizem seus idealizadores, visava também – e visa – à integração das principais “etnias colonizadoras” do município, os pomeranos, italianos e afrodescendentes (daí o neologismo para o nome da festa Pomitafro, POM – ITA – AFRO), bem como objetivando ao combate ao racismo e ao etnocentrismo, considerados existentes na cidade, de acordo com as narrativas de muitos moradores deste município.

É capital que em Vila Pavão o Pomerano não vigorou como em Santa Maria de Jetibá. Com o Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, o qual institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais,

Jorge Kuster irá fortalecer mais ainda um movimento político-identitário. Parece-me que neste momento (dos anos 2007 em diante) que o Projeto Pomitafro – forma como alguns professores se expressam – é mais secundarizado em relação a um projeto pomerano, que não é – ou não parece ser - muito afirmado explicitado na política de Vila Pavão. Politicamente, Vila Pavão tenta que se equilibrar entre ser pomitafricana e pomearana.

Situada na região serrana capixaba, cerca de oitenta quilômetros da capital Vitória, Santa Maria de Jetibá abriga aproximadamente trinta e quatro mil habitantes, de acordo com o censo 2010. O município se destaca, na área econômica, pela sua produção agrícola diversificada e de ovos, ocupando, em alguns quesitos, as primeiras posições no ranking brasileiro.

Mais do que estes aspectos econômicos, este município capixaba se singulariza pela sua preservação da cultura pomerana, o que a torna objeto de curiosidade, de estudos acadêmicos e de turismo cultural, favorecido pelas diversas festas, presentes no calendário municipal, que perpassam durante o ano, e reacendem uma dita identidade pomerana. Quanto à preservação da cultura pomerana em Santa Maria de Jetibá, em relação a outros municípios com representatividade de pomeranos, pondera Joana Bahia (2009):

Os pomeranos da colônia de Santa Maria de Jetibá consideram-se e são considerados por outros imigrantes alemães como “os mais pomeranos” do estado e do país (Bahia, 2000), pois mantiveram desde 1870 o uso do dialeto, suas festas comunais, seus costumes culturais e maritais, os atos mágicos que acompanham os ritos de passagem, a continuidade da narrativa fantástica de tradição oral camponesa, enfim, o modo de vida camponês. (BAHIA, 2009, p. 114)

Tal perífrase *a mais pomerana do Brasil* coloca este município em uma posição de prestígio e de referência, seja esta simbólica, seja real. Tem-se então uma expectativa de que deste município tende a concentrar mais políticas em torno da cultura pomerana; e a emanar principais projetos para que o pomerano seja valorizado.

O fato da maior comunidade linguística de pomerano se concentrar no Espírito Santo criou uma dicotomia interessante: isolou a região capixaba de um forte

germanismo presente no Sul do Brasil, onde o alemão dominava, propiciando, desta forma, uma preservação do Pomerano entre os descendentes.

Em Santa Maria de Jetibá emergiram medidas políticas para tornar o pomerano uma língua mais presente no cotidiano, sobretudo, entre os jovens e as crianças, promovidas por atores sociais ilustres e anônimos, de ascendência pomerana ou não, propondo e ampliando o debate no tocante à valorização do pomerano na esfera pedagógica, linguística, cultural e política.

Um exemplo disto é a cooficialização da Língua Pomerana, que se deu em Santa Maria de Jetibá, em 2009, por meio da Lei Municipal nº 1136. Tal ação explicita que o pomerano não passou a ser tratado apenas como uma questão linguística, mas também política na localidade, buscando inseri-lo nos órgãos públicos municipais, e, com isso, influenciar outras instâncias, como o comércio local.

Esta cooficialização toma sentido de viabilidade concreta, porque, antes mesmo, em 2006, surgiu o Dicionário Enciclopédico Pomerano - Português, obra do linguista residente em Santa Maria de Jetibá, Ismael Tressmann, obra esta que favoreceu uma padronização para o pomerano na modalidade escrita, então praticamente inexistente. Além deste dicionário, a criação, em 2005, do Proepo (Programa de Educação Escolar Pomerana), cujo intento é implementar o ensino do pomerano na rede pública, no âmbito municipal, em Domingos Martins, Pancas, Laranja da Terra, Vila Pavão e Santa Maria de Jetibá, oportunizando a formação de uma nova geração falante de pomerano.

Ter a modalidade escrita implica uma série de possibilidades, sobretudo, em sociedades em que a escrita desempenha um papel crucial nas relações sociais, como as ocidentais. Convém pensar que o modelo de sociedade, dita pós-moderna, a escrita se interpõe como principal ferramenta de interação social entre os indivíduos, o que desnuda o revés atual para o fortalecimento do pomerano: o seu pouco uso na modalidade escrita, apesar do esforço de professores de pomerano, bem como de ativistas desta língua.

No entanto, o dicionário e o Proepo abrem um campo de possibilidades, e, neste aspecto, Santa Maria de Jetibá desempenha um quadro promissor em relação a outros municípios onde há pomeranos, porque está criando políticas para salvaguardar a

sobrevivência do pomerano, tanto na modalidade oral, quanto escrita. Cabe, neste sentido, trazer um trecho significativo presente na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos:

A situação de cada língua, tendo em conta as considerações prévias, é o resultado da confluência e da interação de uma multiplicidade de fatores: político-jurídicos; ideológicos e históricos; demográficos e territoriais; econômicos e sociais; culturais; linguísticos e sociolinguísticos; interlinguísticos; e, finalmente, subjetivos. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS, 1996).

Partindo do fragmento supracitado, é possível enxergar também um pomerano em meio a diversos fatores sociais, ideológicos, políticos, que não são fixos, estáticos, mas dinâmicos, sujeitos à interação dos atores e das circunstâncias construídas politicamente. A cooficialização da língua pomerana, o dicionário pomerano – português e o programa de inserção do pomerano na escola (o Proepo), introduzem Santa Maria de Jetibá na vanguarda das ações em prol do pomerano, diante dos demais municípios, com pomeranos, o que fortalece a perífrase *a mais pomerana do Brasil*, e engendra um cenário em que os pomeranos possam inspirar Santa Maria de Jetibá como mentora de uma minoria étnica.

4 Linguagem, uma construção identitária

Se a linguagem permeia a construção de uma identidade cultural em uma sociedade, entrecruzando relações de poder, *status* e valores identitários que se encontram presentes no cotidiano dos indivíduos, não é incomum observar que a linguagem veicula expressões de embate, que se materializam não só nas ações dos indivíduos e grupos sociais ali, mas também os discursos produzidos em prol de determinadas reivindicações e demandas consideradas prementes a estes. Partindo deste prisma, entender a linguagem, esvaziada de um contexto social, cultural, histórico, entre outras vertentes, é perder de vista os modos como a linguagem se entranha em uma sociedade, e produz nela sentido, e vice-versa, ou seja, como a sociedade também produz sentido na linguagem.

Os estudos de Edward Sapir, com a obra *A linguagem* (1972), entre outros, abriram uma perspectiva de pensar a linguagem como inerente à Cultura, enveredando muitos pesquisadores da linguagem para um caminho cada vez mais interdisciplinar. Não sem razão, dada a própria complexidade do objeto (linguagem), percebe-se que as teorias da linguagem se revestem de uma natureza que vai para além do mundo linguístico, sendo a sociedade um espaço onde se constituem relações de poder.

A sociedade – e aqui me atendo mais às chamadas sociedades modernas ou pós-modernas – a linguagem é uma arena onde os indivíduos, a todo o momento, conscientes ou não deste processo, precisam posicionar-se ante as demandas que se apresentam no cotidiano, não raro, intermediadas por conflitos.

Para o pensador alemão Jürgen Habermas em sua obra *Teoria da ação comunicativa*, a racionalidade é um caminho para se pensar como a linguagem como opera na sociedade, tendo a cultura como um elemento intrínseco a este processo.

[...] não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representado e manipulado, mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam, assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazer isto, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (HABERMAS, 1984, p. 392).

Esta relação intersubjetiva que alude Habermas (1984) se constitui como um espaço social onde são produzidos significados não só linguísticos, mas também sociais e políticos. A fala é um direito dado nas sociedades que se dizem regidas pela democracia, que oportunizam a manifestação de pensamentos, sentimentos e demais expressões linguísticas e extralinguísticas que caracterizam um processo dinâmico, praticamente ininterrupto, de construção de uma identidade de um grupo social ou de uma sociedade. Por não ser um processo solitário, é, portanto, um processo que deve ser negociado, por abarcar múltiplos atores que querem ter sua fala expressa, ainda que seja uma fala divergente de outros grupos sociais.

No olhar habermasiano, é importante dizer que haveria duas esferas existentes em uma sociedade: o sistema e o mundo da vida. A primeira esfera seria aquela

governada pela chamada razão instrumental, comportando duas vertentes: o político e o econômico. Esta esfera não deve ser desprezada ao conceber a linguagem como uma estratégia de determinados grupos sociais de se colocarem na sociedade, tentando capitanear suas intenções e planos. A outra esfera seria a que Habermas (1984) chama de mundo da vida, onde se empreendem as situações e circunstâncias cotidianas dos indivíduos, sendo um ambiente no qual as ações e discursos estão entrelaçados por contextos culturais, históricos e outros que vão articulando-se na sociedade, sendo, portanto, um espaço social onde a identidade dos grupos ganha sentidos que perfilam um sentimento de pertença.

É importante assinalar que ambas as esferas (o sistema e o mundo da vida) não estão desprovidas de poder, de uma busca de hegemonia em detrimento do outro. Nesta perspectiva, cooficializar uma língua pode ser interpretada como uma atitude de propiciar poder; ou ainda, de reaver um poder outrora perdido. A forma como os descendentes pomeranos em Santa Maria de Jetibá (ES) e em outras comunidades linguísticas constitui um lugar privilegiado para observar como uma língua é posta como um elemento identitário. Falando sobre o mundo da vida, Mühl (2003) entende:

O mundo da vida é sempre um mundo intersubjetivo, jamais privado, que oferece uma reserva de convicções à qual os participantes da comunicação recorrem toda a vez que o entendimento se torna problemático. O mundo da vida constitui-se, portanto, num recurso de apelação nos processos de intercompreensão, ou seja, estabelece o contexto constitutivo da intercompreensão; é a cobertura de um consenso pré-reflexivo que se encarrega de absorver os perigos de um dissenso. (MÜHL, 2003, p. 206).

Por nem sempre estarem na mesma direção e intenção nos contextos que surgem em uma sociedade cada vez mais complexa entre essas duas esferas, o sistema e o mundo da vida, é inevitável em alguns momentos a presença de um forte conflito. Habermas (1984) fala então em *colonização do mundo da vida*, que seria uma tentativa de o sistema controlar os indivíduos, convergindo-os ante o desejo do Estado. Sobre isto, diz Mühl (1999):

como o desenvolvimento não apenas ocorre no plano técnico-organizativo e no agir instrumental-estratégico, mas também no plano do saber prático e no agir

comunicativo, toda vez que a instância política não atende às expectativas e necessidades da sociedade civil, o conflito entre sistema e mundo da vida aflora e se intensifica. As crises decorrentes desses conflitos, na compreensão de Habermas, são muito importantes para o desenvolvimento da aprendizagem da humanidade. (MÜHL, 1999 p. 38).

Tendo em mente que o conflito de que fala Habermas é praticamente inerente às interações sociais, marcadas pela atuação e força do Estado e as dinâmicas culturais e sociais que atuam nos grupos, a linguagem pode ser vista não só como espelho deste conflito, mas também como produtora deste conflito. O caso dos descendentes pomeranos de Santa Maria de Jetibá (ES) parece ser situar entre estas possibilidades.

5 Considerações finais

O pomerano se mantém vivo não estritamente pelas ações político-linguísticas de Santa Maria de Jetibá, até porque existem várias comunidades linguísticas, no sul e em outros municípios do estado do Espírito Santo, que tentam manter também as tradições pomeranas e a língua pomerana no cotidiano local, bem como paulatinamente incluir o pomerano na esfera dos órgãos públicos de suas respectivas municipalidades.

Contudo, Santa Maria de Jetibá, em relação à Vila Pavão e outros municípios capixabas, tem ocupado uma posição que lhe dá, não por acaso, a condição de protagonista ou coadjuvante-mor na luta para enaltecer a cultura e a língua pomerana perante os pomeranos e a sociedade brasileira. Por serem relativamente incipientes na prática, caberá ao tempo dizer se tais ações e programas conseguirão fortalecer espriair um pomerano à Santa Maria de Jetibá como o padrão para toda a comunidade de pomeranos espalhados pelo Brasil. Ou então, se aquele provérbio latino *Tempora mutantur et nos in illis* (*Novos tempos, novos costumes*) será tão verdadeiro e ininteligível quanto uma frase latina sem tradução ou quanto um pomerano que ficou em um tempo pretérito.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Joana. Canaã, terra prometida. In: NEVES, Delma Pessanha (org.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil, v.2: formas dirigidas de constituição do campesinato*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.
- COSERIU, Eugênio. *Lições de Linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1980.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS. Barcelona. Unesco: 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MÜHL, Eldon H. *Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo*. Passo fundo: UPF Editora, 2003, p, 206.
- SEIBEL, Ivan. *Imigrante no século do isolamento: 1870 – 1970*. São Leopoldo: EST-PPG, 2010.
- VIGOTSKI, Liev Semionovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

*Recebido em: 18 de junho de 2015.
Aprovado em: 15 de outubro de 2015.*